

---

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA DIANTE DE ALUNOS AUTISTAS.**

**Renivaldo Bispo da Cruz<sup>1</sup>**  
**Claudemir Miranda Barboza<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo visa conhecer a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala de aula. Como resultado, foi adotada a pesquisa bibliográfica e a utilizada como referência primária a teoria dos seguintes autores: Mantoan (2003), Miranda e Galvão Filho (2012). O interesse por este tema surgiu a partir do estágio realizado pelo Programa de Residência Pedagógica (PRP), após ver como são as salas de aula no Ambiente Atendimento Especializado (AEE), o autor [1] quis conhecer mais de perto o atendimento e a inclusão de alunos autistas em sala de aula. A partir disso existe a crença de que para ter uma escola para todas as pessoas é importante mostrar que não há desigualdade, preconceito e discriminação contra as pessoas com deficiência, sem isso, acreditamos que não se pode falar de inclusão, mas apenas de matrícula de alunos com deficiência ou problemas na escola, sem atender suas necessidades e garantir seus direitos, conforme previsto na legislação brasileira

**Palavras-chave:** AEE. Inclusão. Autista. Escola.

### **ABSTRACT**

This Course Conclusion Paper aims to know the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the classroom. As a result, bibliographic research was adopted and the theory of the following authors was used as a primary reference: Mantoan (2003), Miranda and Galvão Filho (2012). The interest in this topic arose from the internship carried out by the Pedagogical residency program, after seeing how the classrooms are in the AEE environment, the author [1] wanted to know more closely the care and inclusion of autistic students in the classroom. From this, there is the belief that in order to have a school for all people, it is important to show that there is no inequality, prejudice and discrimination against people with disabilities, without that, I believe that one cannot talk about inclusion, but only about enrollment of students with disabilities or problems at school, without meeting their needs and guaranteeing their rights, as provided for in the very recent Brazilian legislation.

**Keywords:** ESA. Inclusion. Autistic. School

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura em Matemática do IFRO, Campus Cacoal. E-mail: reni.bispo@gmail.com

<sup>2</sup> Professor de Matemática no IFRO, Campus Cacoal. E-mail: claudemir.barboza@ifro.edu.br

## **1. Introdução**

Atualmente, fala-se muito em educação inclusiva, mas, apesar disso, é necessário saber se os alunos que contam com esse tipo de atenção recebem ajuda suficiente para aprender, em especial a matemática, nas escolas de ensino básico, pois a matemática é uma das disciplinas em que os alunos apresentam mais dificuldades.

Dito isso, quando tentamos encontrar métodos de ensino diferentes, é difícil saber o que levar, o que realmente chama a atenção dos alunos na sala de aula, como despertar seu interesse pelo conteúdo, se considerar que o uso de materiais de concreto pode orientar os alunos a entender o conteúdo de maneira mais rápida e eficiente. A exemplo disso, podemos aplicar uma atividade usando jogos de matemática como recurso de ensino, mostrando assim aos alunos uma forma interessante de aprender matemática, com isso, podemos tornar a matéria mais atraente, enérgica e desafiadora para os alunos.

Partindo dessa hipótese, utilizar jogos e materiais concretos como ferramenta de aprendizagem pode ser considerada uma ação positiva.

Nesse caso, ao orientar alunos com necessidades especiais na busca do desenvolvimento de habilidades e potencialidades, a visão lúdica é tida como aliada do professor, de uma perspectiva inclusiva.

## **2. Metodologia**

O referido estudo tem como objetivo investigar as produções científicas sobre o ensino de matemática para estudantes autistas. Para tanto, foi adotada a metodologia de pesquisa bibliográfica, para melhor compreensão deste estudo, o artigo será elaborado da seguinte forma: apresentação dos aspectos gerais: definição, terminologia, características, classificação do Autismo; após isso, dará ênfase à importância da relação da família da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo com a escola.

Por fim procura se abordar os resultados obtidos através do levantamento de pesquisas relacionadas ao ensino de matemática para estudantes autistas com base nas teorias dos seguintes autores: Mantoan (2003), Miranda e Galvão Filho (2012).

Após exposição dos dados encontrados, foi proposta a reflexão de algumas perspectivas do ensino da matemática inclusiva com alunos autistas; entre essas perspectivas, propõem-se discutir os seguintes aspectos: as limitações dos conteúdos e das metodologias; a participação da família e sua contribuição na potencialização dos processos de ensino e aprendizagem; a formação docente e as contribuições da escola enquanto instituição promotora de ensino capaz de entender e trabalhar as especificações do seu corpo discente.

Vale ressaltar que a inspiração dessa pesquisa surgiu através da convivência com alunos autistas em uma escola da rede municipal localizada na cidade de Cacoal-RO, durante a realização do Estágio Supervisionado deste curso através do programa Residência Pedagógica. Diante do exposto, a questão de investigação será: “De que maneira devemos lidar com os problemas e dificuldades enfrentadas através do ensino de matemática para estudantes com autismo?”

### **3. Transtorno do espectro do autismo.**

Antes de nos aprofundarmos no assunto, primeiro devemos entender do que se trata o transtorno do espectro do autismo (TEA), dessa forma o objetivo desse tópico é apresentar uma breve contextualização do (TEA) e as normas que garantem acesso a educação a esse público em escola de educação regular. No ano de 2015 foi publicada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) que garante o direito à Educação, explicitando em seu artigo 27 que:

a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades física, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, p. 7).

Pensar a Educação para todos da sociedade implica considerar as especificidades de cada sujeito, dessa forma, a escola como espaço que potencializa a aprendizagem e, também, compreendida como um local democrático, de pluralidade de saberes e culturas precisa, portanto, pensar em práticas que levem em conta as particularidades de cada sujeito que dela fazem parte, por isso ao falar da educação inclusiva devemos entender que se trata de uma cultura onde todos os sujeitos são reconhecidos como singulares, com habilidades e especificidades distintas, e que a escola precisa ser um ambiente que os inclua de forma atuante e participativa daquele lugar.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado em três graus: autismo leve (requer pouco apoio), moderado (requer um apoio mais atento) e o severo (requer um apoio recorrente), e alguns dos critérios para se diagnosticar o TEA são

- déficits persistentes na comunicação social e nas interações;
- padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestadas;
- sintomas presentes na primeira infância e a partir de demandas sociais que ultrapassem as capacidades limitadas;
- limitação e prejuízo no funcionamento diário.

Porém, Chequetto e Gonçalves (2015, p. 210) dizem que “é possível observar que vários indivíduos diagnosticados com o mesmo tipo de autismo podem ter perfis e características próprios, diferentes uns dos

outros”, o que mais uma vez reforça a ideia de que o espaço escolar tem que se preparar para oferecer um ambiente que permita conhecer e aceitar o outro como legítimo, estimando seus saberes, respeitando e valorizando suas diferenças.

### **3.1 A família do aluno diagnosticado com TEA e sua relação com a escola.**

Desde o início da espera por um bebê é impossível não criar algum tipo de expectativa por parte da família para chegada de um filho. Com o desenvolvimento de uma criança, os pais podem perceber os tipos de gestos, choros, sons, que são emitidos pelo bebê. Aos poucos a criança pode desenvolver novos gestos através de sorrisos, olhares, o qual pode facilitar ainda mais no entendimento dos pais com seus filhos. Há diversas formas de perceber características peculiares de um filho, há relatos de pais em que os bebês às vezes apresentam mudanças de comportamento, podendo variar seu comportamento por estarem quietos demais, ou bastante agitados, e há casos em que a família só tem conhecimento por meio da realização de exames.

Serra (2010) fala um pouco mais sobre a importância de como o diagnóstico é recebido pela família, e de como isso pode ter grande influência em relação ao desenvolvimento da criança, o autismo pode trazer dor para a família através da exclusão e do isolamento social.

Diante disto, com base na experiência vivenciada numa escola estadual, durante a participação no programa residência pedagógica fez com que o autor deste TCC desejasse estudar e conhecer ainda mais sobre a Educação Inclusiva e o TEA no ensino de Matemática, levando como um de seus objetivos destacar a importância do relacionamento da família com a escola através de um atendimento especializado.

## **4 Transtorno do Espectro Autista e o cenário educativo**

Para contribuir com o cenário educativo, é importante uma avaliação prévia do estudante, e que seu diagnóstico seja informado ao professor, para que ele possa iniciar o trabalho pedagógico especializado. Poker et al. (2013), diz que se o educador conhecer o estudante, isto inclui as suas condições de interação social, o professor consegue se preparar melhor e pode desenvolver ajustes e adequações nas diferentes metodologias do processo de ensinar e de aprender do aluno, isto pode lhe proporcionar uma educação de qualidade.

Especificamente nos estudos de matemática, o ensino é visto como algo quase impossível de se aprender por grande parte dos estudantes, esta dificuldade pode se intensificar ainda mais quando se trata da inclusão de alunos com TEA, o que pode ser um complicador em relação a Educação Inclusiva. o professor deve prover um ensino de qualidade a todos os seus alunos, se o estudante autista está incluído em um

ensino regular, é responsabilidade do professor fazer de tudo para oferecer um ensino de qualidade, nem que seja preciso experimentar várias metodologias e abordagens e se precisar adaptá – las às suas aulas.

Temos que ter em mente que muitos pais não podem pagar uma escola especializada para o filho autista e precisa das escolas públicas para ajudar no desenvolvimento dessas crianças, após essa conclusão, podemos começar a nos questionar: afinal como é ter um aluno autista em sala de aula? Como agir? Como lidar com cada situação? Como ser um(a) professor(a) melhor para uma criança com autismo? Como ajudar em seu desenvolvimento? Estas e outras perguntas podem surgir, e necessitam ser esclarecidas para tornarmos a educação melhor, pois são muitas crianças com autismo e os pais se preocupam em deixar suas crianças na escola e querem saber como está sendo seu dia.

Para Mantoan (2003 ) a luta desde sempre foi e é ter uma educação inclusiva, que busque sempre melhorar e fazer com que a criança seja aceita em todas as escolas, pois é um direito de todos. Não ser privilégio para alguns e sim, ser direito de todos, buscando crescer juntos, ter professores capacitados para que realmente haja um aprendizado significativo e que a educação inclusiva possa ocorrer de forma eficaz. Nesse sentido, Mantoan (2003) afirma que:

Estamos ressignificando o papel da escola com professores, pais, comunidades interessadas e instalando, no seu cotidiano, formas mais solidárias e plurais de convivência. É a escola que tem de mudar, e não os alunos, para terem direito a ela! O direito à educação é indisponível e, por ser um direito natural, não faço acordos quando me proponho a lutar por uma escola para todos, 24 sem discriminações, sem ensino à parte para os mais e para os menos privilegiados. Meu objetivo é que as escolas sejam instituições abertas incondicionalmente a todos os alunos e, portanto, inclusivas. (MANTOAN, 2003, p. 8).

O ressignificar o papel da escola, bem como a importância da união entre pais e escolas em prol das crianças hoje podemos abordar o grande papel que todos a volta de uma criança diagnosticada com TEA apresentam, sendo o papel do professor um dos mais importantes pois é com ele que a criança passa a maior parte do tempo, abordaremos isso melhor no próximo tópico.

#### **4.1. O papel do professor no cenário educativo**

O papel do professor é muito importante na educação de uma criança, sabemos que é muita responsabilidade trabalhar com crianças que apresentam ou não algum tipo de transtorno, é preciso se preparar para conhecer suas características também todo tipo de métodos de aprendizagem. Deve haver mudanças nas escolas, nos programas de formação de professores, eles devem entender que a escola precisa aceitar crianças com deficiência e não isolar e excluir aqueles com dificuldades de aprendizagem. Mantoan (2003) afirma que em todos os níveis de formação de professores devem sofrer:

[...] modificações nos seus currículos, de modo que os futuros professores aprendam práticas de

ensino adequadas às diferenças. O acesso a todas as séries do ensino fundamental (obrigatório) deve ser incondicionalmente garantido a todos. Para tanto, os critérios de avaliação e de promoção, com base no aproveitamento escolar e previstos na LDB de 1996 (art. 24), devem ser reorganizados, de forma a cumprir os princípios constitucionais da igualdade de direito ao acesso e à permanência na escola básica, bem como do acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. (MANTOAN, 2003, p. 25).

Para Mantoan (2003) o professor na educação inclusiva deve oportunizar à criança o desenvolvimento das habilidades intelectuais e sociais, com um planejamento para toda a turma sem discriminação e exclusão de nenhuma criança. O professor e a criança devem celebrar seu sucesso, incentivando momentos de socialização, onde todos são tratados igualmente, sendo assim as escolas precisam se adaptar e buscar soluções para incluir qualquer criança em seu espaço escolar, Portanto, podemos dizer que a escola e o professor fazem a diferença no desenvolvimento de uma criança com TEA e é o professor que tem que fazer isso procurando diversas atividades através de esportes, jogos, pinturas, música, entre outros. Até mesmo a inclusão de crianças com TEA é um desafio para os professores, é sempre bom buscar soluções e conhecimentos, para trazer para a sala de aula o respeito e também a coexistência, ao invés da discriminação. De acordo com Miranda e Galvão Filho (2012):

Outro fator importante na inclusão de alunos com deficiência na escola pública é a oportunidade do convívio com colegas sem deficiência, fazendo com que se percebam indivíduos capazes de desenvolver suas dimensões social, psíquica, biológica e laboral. Então, devem ser oferecidos os meios para a organização da escola democrática com vistas à aprendizagem que tenha como eixo norteador a experiência entre as subjetividades, ou seja, professores e alunos, com/sem deficiência, aprendendo juntos. (MIRANDA; GALVÃO FILHO, 2012, p. 92).

O papel do professor não é apenas transmitir conhecimento ao aluno, mas ser um mediador, um conselheiro, que promove o desenvolvimento e leitura. Por meio da colaboração baseada no envolvimento de toda a classe, a inclusão não é apenas preencher um espaço e deixá-lo em paz, mas sim, oferecer ensino de diferentes maneiras para um bom resultado. Podemos contar com algumas técnicas e métodos desenvolvidos para serem utilizados com o objetivo de conter o comportamento do autista, para que assim, possa ocorrer um melhor desenvolvimento e atendimento. A seguir abordaremos cada um desses métodos.

#### **4.2. Métodos que podem ser abordados na Linha Comportamental.**

O Método Análise do Comportamento Aplicada, também conhecido como Applied Behavior Analysis (ABA), é definido por muitos quando aplicada em crianças autistas como aprendizagem sem erro. Basicamente, o ABA é um conjunto de técnicas pesquisadas e comprovadas para o tratamento de pessoas com TEA. Assim, de acordo com Silva; Velloso (2018) o método ABA é

[...] proveniente do campo científico do Behaviorismo que concentra seus estudos na observação, análise e explicação frente a uma associação do ambiente, comportamento humano observável e

mensurável e aprendizagem. O Behaviorismo surge no século XX, com os estudos propostos por Ivan Pavlov, John B. Watson, Edward Thorndike e B. F Skinner. Esse modo de compreensão dos indivíduos propõe que a partir do momento em que se analisa um comportamento é possível elaborar um planejamento para a modificação do mesmo. (SILVA; VELLOSO, 2018, p. 05).

Conclui-se que o ABA pode ser usado de forma natural, o tratamento busca reforçar o comportamento para a socialização, com vistas a fomentar o desenvolvimento da autonomia, assegurando sua independência, trabalhando as habilidades. De acordo com Drumond (2020) o tratamento envolve:

[...] o ensino intensivo e individualizado das habilidades necessárias para que o indivíduo possa adquirir independência e a melhor 25 qualidade de vida possível. Dentre as habilidades ensinadas incluem-se comportamentos sociais, tais como contato visual e comunicação funcional; comportamentos acadêmicos tais como pré-requisitos para leitura, escrita e matemática; além de atividades da vida diária como higiene pessoal. A redução de comportamentos tais como agressões, estereotípias, auto-lesões, agressões verbais, e fugas também fazem parte do tratamento comportamental, já que tais comportamentos interferem no desenvolvimento e integração do indivíduo diagnosticado com autismo. (DRUMOND, 2020, p. 52).

O método ABA é muito utilizado em terapias individuais, tanto para adultos e também para crianças, e além dele também podemos citar o método Padovan, desenvolvido por Beatriz Padovan, é uma abordagem terapêutica que recapitula as fases do neurodesenvolvimento, andar, pensar e falar atividades próprias do ser humano que não foram desenvolvidas de forma natural, podem ser melhoradas com o uso do Método Padovan, utilizando exercícios específicos para os movimentos de cada fase, Drumond (2020) diz que esse desenvolvimento é individual de acordo com cada espécie.

O Desenvolvimento Ontogenético, consiste nas fases do desenvolvimento natural do Ser Humano (rolar, rastejar, engatinhar, etc.), que são significativamente importantes na definição do esquema corporal e da lateralidade (maturação do próprio Sistema Nervoso Central), tornando o indivíduo apto a dominar seu corpo no espaço, isto é, a poder fazer todos os movimentos que quiser, voluntários e involuntários. (DRUMOND, 2020, p. 52)

Ainda podemos citar o Método Teacch (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação), também muito conhecido e utilizado pelos especialistas na área, desenvolvido na Universidade da Carolina do Norte, pelo Dr. Eric Schopler, do departamento de psiquiatria, objetivava organizar o ambiente de uma forma diferente, trabalhando o comportamento e o desenvolvimento da criança ou adulto. Para Drumond (2020) o Teacch é:

um programa educacional e clínico com uma prática predominantemente psicopedagógica criado a partir de um projeto de pesquisa que buscou observar profundamente os comportamentos das crianças autistas em diferentes situações e frente a diferentes estímulos. (DRUMOND, 2020, p. 38)

Esse método foi criado para melhorar o comportamento do TEA e, poder incentivar a sua independência com vistas a melhorar o desenvolvimento do autista, tendo um ambiente mais organizado tanto na escola, como no trabalho ou em casa, seu ensino tem como base cartões ilustrativos, fotos, gestos,

movimentos corporais para que a criança ou adultos coordene seus movimentos e comportamento, ainda de acordo com Drumond (2020)

O corpo vai incorporando significados através da "ação no mundo" enquanto desenvolve de maneira progressiva a comunicação - que pode ser oral, gestual, escrita etc. São utilizados estímulos visuais (fotos, figuras, cartões), estímulos corporais (apontar, gestos, movimentos corporais) e estímulos de áudio, sinestésico e visuais (som, palavra, movimentos associados às fotos) para buscar a linguagem oral ou uma comunicação alternativa. (DRUMOND, 2020 p. 41).

Por fim, há ainda outro método sobre o qual devemos falar, conhecido como Floortime Method, fundado pelo psiquiatra infantil Stanley Greenspan, Floortime (literalmente significa tempo no chão) tem sua principal base para trabalhar o desenvolvimento da criança, criando um estrutura social, intelectual e emocional. É importante que o professor acompanhe o brincar da criança de forma a proporcionar uma oportunidade de comunicação com ela e com os outros, o amor e as relações têm um papel importante na vida da criança, permitindo assim uma aprendizagem significativa. Segundo Drumond (2020) Floortime é um método de tratamento que

[...] leva em conta a filosofia de interagir com uma criança autista. É baseado na premissa de que a criança pode melhorar e construir um grande círculo de interesses e de interação com um adulto que vá de encontro com a criança independente do seu estágio atual de desenvolvimento e que o ajuda a descobrir e levantar a sua força. (DRUMOND, 2020, p. 76).

O Floortime Method trabalha com os interesses emocionais da criança com TEA, buscando como forma de terapia melhorar seu comportamento, a fim de o tornar menos agressivo e indiferente às pessoas com quem convive, favorecendo as relações interpessoais dentro e fora do ambiente escolar, nesse sentido, como já mencionado, podemos assegurar a importância do papel do professor nesse assunto, uma vez que ele convive rotineiramente com as crianças como já apresentado antes.

#### **4.3. O Programa Residência Pedagógica**

O Programa de Residência Pedagógica veio com o objetivo de aprimorar a preparação dos docentes dos cursos de licenciatura, fazendo assim parte da experiência adquirida ao ingressar no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) Campus Cacoal, para que os alunos possam experimentar o relacionamento entre teorias e práticas pedagógicas profissionais e, assim, conhecer o ensino e a aprendizagem. Além disso, oferece aos residentes, o aproveitamento da carga horária como estágio supervisionado. Esse programa busca aprimorar as práticas de estágio em escolas públicas. Os residentes realizam as mesmas fases de estágio, observação, participação e regência. Então, depois de observar o professor titular trabalhar em sala de aula com os alunos, os residentes planejam e executam uma intervenção pedagógica dos conteúdos com maior dificuldade por parte do aluno da escola de ensino básico.

O programa é algo que veio para melhorar a formação dos acadêmicos envolvidos. Além disso, a prática é uma parte essencial desse processo, pois, conforme Mello e Lindner.

Os estágios se constituem em uma atividade balizadora para a formação de professores, na qual os alunos têm oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar e da sala de aula, refletindo a prática do professor regente, traçando perspectivas que potencializaram o conhecimento do contexto histórico, social, cultural e organizacional da prática docente (MELLO; LINDNER, 2012, p.1).

Com base na experiência adquirida no Programa de Residência Pedagógica, descreveremos nossas percepções sobre o ensino de matemática e a metodologia observada, adotada e utilizada durante a prática nas escolas estaduais.

Durante minha prática no Programa de Residência Pedagógica, tive a oportunidade de acompanhar e participar das aulas de duas professoras no ensino fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardo Guimarães, Cacoal, Rondônia, professoras Léia e Fátima, uma que trabalhava o ensino regular e a outra o Atendimento Educacional Especializado (AEE), respectivamente. As atividades do programa incluíam: cinco horas semanais para desenvolver atividades, aproveitando esse tempo para a organização de simulados, resolução de exercícios, listas de atividades, provas e suas correções. Pude ver dos professores todos os materiais que são usados para preparar as aulas, incluindo livros, arquivos e metodologias que são usadas nas salas de aula do 6º ao 9º ano, bem como na sala de aula do AEE, onde os professores tentam envolver em suas aulas, práticas metodológicas, para torná-las mais produtivas e dinâmicas, então sempre que possível tentam fazer algo diferente para que os alunos se sintam mais envolvidos no aprendizado da matemática, ajudando os alunos a se desenvolverem.

A sala do AEE atende em média 5 alunos e o mais impressionante é o silêncio e a conexão entre eles, na forma como se ajudam em sala de aula, além do respeito e carinho pelo professor que tenta auxiliá-los em suas dúvidas, a maneira como eles se comportam em sala de aula é realmente impressionante e faz questionar todo o trabalho que o professor teve que fazer para chegar a esse resultado. Foi muito prazeroso contribuir para o desenvolvimento desses alunos e ao mesmo tempo aprender com eles, promover a unidade entre teoria e prática, o que para Paulo Freire (1997, p.25) “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”.

O estágio tem três etapas: observação, participação e regência, e após observar o ambiente escolar e participar das aulas, foi necessária a última etapa da prática, para isso as aulas foram planejadas e elaboradas em conjunto com as professoras Léia e Fátima do AEE, com o objetivo de regência não só para o 6º, 8º e 9º ano, mas também para a sala do AEE nos turnos da manhã e tarde.

Na regência, contou com a cooperação e apoio de professores titulares que orientaram em todas as dúvidas e procedimentos necessários para implementar as aulas, deram liberdade para ministrar o conteúdo

da melhor forma possível.

De modo geral, a regência ajudou a entender como é a educação e quais os desafios que os professores têm que enfrentar no dia a dia, como: falta de material manipulável para o ensino de matemática, espaço inadequado, falta de tempo para o planejamento, entre outros. O comportamento dos alunos diante do residente (nome adotado a quem é bolsista do Programa Residência Pedagógica) foi estável, algumas vezes foram necessário apontar e mudar o método de ensino para que eles pudessem entender o conteúdo da melhor forma possível e se interessassem pelas aulas, não os deixando tão distraídos e aumentando desempenho sobre o assunto.

Uma parte de regência foi com os alunos do AEE, onde tive a honra de conhecer e trabalhar com eles e obtive boas experiências na minha vida pessoal e profissional, a princípio vários desafios foram resolvidos com eles: como problemas de raciocínio lógico e contas envolvendo 4 operações básicas da matemática, enquanto isso, havia um projeto em andamento que envolvia matemáticas no AEE, era uma ótima maneira de ensinar matemática a eles usando uma metodologia nova que consiste em mágicas, depois houve a confecção de cartolas e o próprio treinamento mágico, tudo voltado para que os próprios alunos do AEE se apresentarem como mágicos da matemática para as turmas regulares em sala de aula.

Toda essa prática tinha um objetivo muito maior, que era promover a socialização dos alunos que frequentam o AEE e aumentar o interesse de todos com os conteúdos matemáticos.

## **5 Considerações Finais**

Este artigo visa compreender a educação inclusiva no Brasil, com isso buscamos entender as necessidades de crianças, jovens ou adultos, em especial os que são autistas, para que possam acessar a escola regular e possam ter um ambiente de aprendizagem que favoreça sua cognição motora e social, a própria escola.

Acreditamos que para ter uma escola para todos é preciso mostrar que não há desigualdade, preconceito e discriminação contra as pessoas com deficiência, a escola deve se organizar e estar preparada para acolher plenamente o aluno. Por isso, discutimos os principais níveis de TEA, bem como os principais métodos utilizados para aliviar os sintomas e/ou ajudar cada pessoa a usar melhor suas habilidades. É hora de melhorar as residências das pessoas com deficiência, além da área familiar, para que o TEA possa viver livremente, possa participar tanto da escola quanto dos locais públicos, desenvolver habilidades em qualquer lugar que esteja, possa ter uma vida independente. É preciso haver uma mudança de perspectiva sobre o TEA e todas as pessoas com certas deficiências, removendo toda a discriminação que os incluiu na vida pública.

É bom dizer que todos somos titulares de direitos em busca de um futuro melhor e, entendemos que a inclusão ainda exige muita atenção dos órgãos governamentais, instituições de ensino, profissionais da saúde e da educação, favorecendo assim uma melhor aceitação e respeito a todos, independentemente de sua classe social, gênero e crenças religiosas.

Vale lembrar também que, para mais mudanças, é preciso o apoio tanto da escola, quanto da família, e até mesmo da comunidade. Assim, podemos contribuir para reduzir a desigualdade, construir uma sociedade inclusiva, que saiba respeitar as diferenças e ser solidária com os outros.

## o 6. Referências

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 06 jul. 2015.

CHEQUETTO, J. J.; GONÇALVES, A. F. S. Possibilidades no ensino de Matemática para um aluno com autismo. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 5, n. 2, p. 206-222, 2015.

DRUMOND, Simone Helen Ischkanian. Autismo e educação: métodos, programas e técnicas educacionais para autistas. Projeto. 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).

MELLO, Simone Portella Teixeira.; LINDNER, Luciana Martins Teixeira. A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: OBSERVAÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES Recife, 2004. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/362/978> &gt; Acesso em: 2 de Out. 2022.

MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012.

POKER, R. B. et al. **Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2013.

SERRA, D. Autismo, família e inclusão. *Polêmica Revista Eletrônica*, v. 9, n. 1, p. 40-56, jan/mar. 2010